

07 SET 2003

AGRICULTURA

Os seis núcleos rurais da bacia do Rio Preto, em Planaltina, são responsáveis por 65% da produção agrícola do Distrito Federal. Irrigação por pivôs é segredo das colheitas fartas, mas governo quer racionalizar uso da água

O vale fértil na seca do cerrado

ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Quando os primeiros forasteiros de olhos azuis e de fala esquisita chegaram, dispostos a plantar e a colher, o povo simples da região achou graça. Ninguém acreditava que a terra seca do cerrado se tornaria o vale fértil do Distrito Federal. Até aquela época, começo dos anos 80, o homem que vivia na zona rural de Planaltina e do Paranoá plantava pouca coisa e somente no solo úmido das margens do Rio Preto e dos seus córregos.

Duas décadas depois, os irmãos Atílio Laurindo, 67, e Benjamin Cappellesso, 64, gaúchos de Marcelino Ramos, emocionam-se com o verde das lavouras irrigadas de feijão, milho, soja e das plantações de hortaliças que se destacam no meio da sequeidão da paisagem castigada pelos meses de estiagem. Os seis núcleos rurais banhados pela bacia do Rio Preto (leia mapa) são responsáveis por 65% de toda a produção do Distrito Federal.

Na safra de 2002, foram colhidas 342,5 mil toneladas de alimentos, principalmente grãos. "Logo que cheguei, as pessoas da região falavam que a gente era doido, que no cerrado não dava para plantar nada. Era gente muito simples que não conhecia nem motosserra. Perguntavam se eram as famosas máquinas de colher", conta Atílio. Não existiam ainda grandes lavouras de soja no DF e os gaúchos precisaram visitar fazendas de Minas Gerais, onde outros conterrâneos deles já cultivavam o cerrado com sucesso.

O primeiro passo da família Cappellesso foi desbravar o cerrado, depois adubar o solo, torná-lo menos ácido para as plantações. O vale do Rio Preto tinha topografia plana, de plantio e colheita fáceis. A região foi destinada pelo governo às grandes plantações, por meio de arrendamento. No total, as terras banhadas pelo Rio Preto concentram 84% da área de agricultura no DF. São 81,3 mil hectares de cultivo.

"A produtividade no DF é boa, acima da média do Brasil, por uma série de fatores. O clima quente e seco ajuda as culturas, que não sofrem com as geadas nem com doenças provocadas pela umidade excessiva", observa o engenheiro agrônomo José Bernardino de Sousa, da Emater-DF. "Com o pivô que molha a terra seca, a gente pode plantar o ano todo", explica Atílio Cappellesso. A irrigação é responsável pela grande produção da região. A água retirada do Rio Preto e de seus afluentes garante produção nos meses sem chuva. Há 120 pivôs ao longo da Bacia do Rio Preto.

A água que chega à propriedade de 82 hectares de Ana Francisco da Silva, 60 anos, irriga a horta e as plantações de tomate e abóbora japonesa. Ela sorri de satis-

Jefferson Rudy



OS IRMÃOS ATÍLIO E BENJAMIN SAÍRAM DO RIO GRANDE DO SUL NA DÉCADA DE 80 PARA PLANTAR GRÃOS E HORTALIÇAS NA BACIA DO RIO PRETO: REGIÃO REPRESENTA 84% DA ÁREA CULTIVADA DO DF

VERBA PARA PRODUTOR

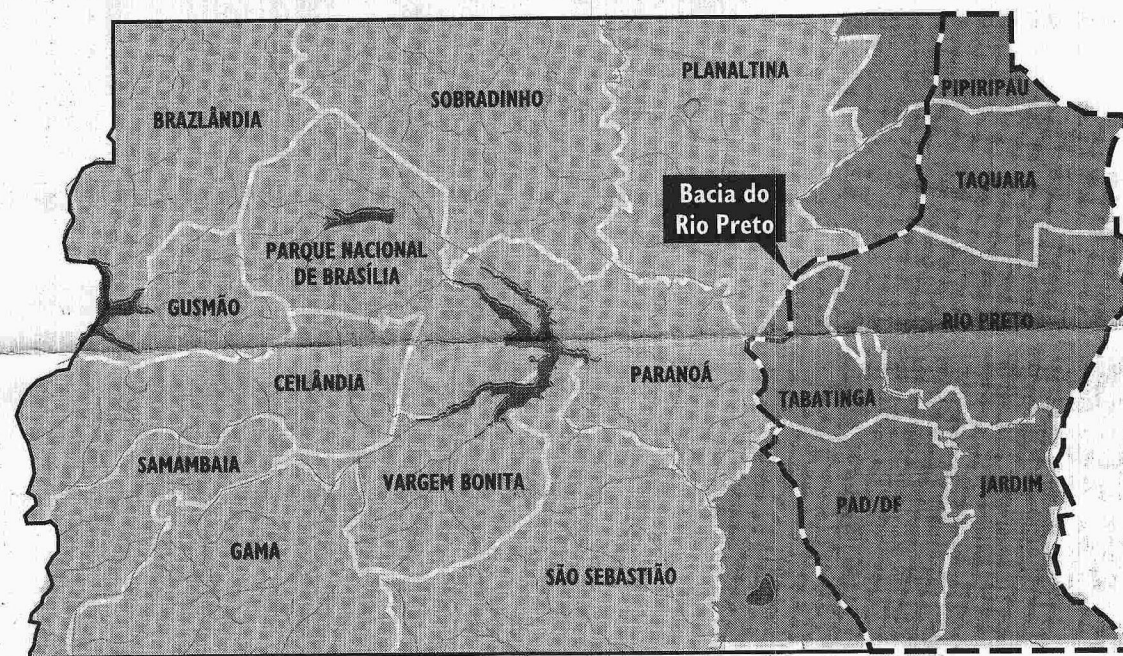
A Secretaria de Agricultura do DF firmou ontem convênio com o Banco de Brasília (BRB) para beneficiar sete mil pequenos produtores rurais. O banco irá conceder financiamento com juros a 4% ao ano. Para os que não atrasarem o pagamento, haverá uma redução dos juros para 3% ao ano. Os recursos, de R\$ 211 mil, são do Fundo de Desenvolvimento Rural. O evento, que contou com a presença do governador Joaquim Roriz, ocorreu na XXI Exposição Agropecuária de Brasília, na Granja do Torto.

fação. A fartura existe há dois anos, desde que ela conseguiu financiamento para irrigar a terra. Viúva, mãe de dez filhos, dona Ana, como é chamada, trabalha na roça desde os 10 anos. "É a profissão que meu pai me ensinou e que eu gosto muito", enche-se de orgulho a mulher que nasceu na região e nunca saiu dela. Conhece apenas Brasília e Formosa (GO), além de Planaltina, onde vai todo mês comprar açúcar, sal e outros mantimentos.

"Deus me livre de morar na cidade. Minha pressão já sobe só de pensar. Aqui, canso de trabalhar e na cidade não tem nada pra fazer", diz. A única bronca de Ana Fran-

O MAPA DA FARTURA

A Bacia do Rio Preto fica na divisa do Distrito Federal com Goiás. O Rio Preto nasce na Lagoa Feia, em Formosa (GO), e deságua no Rio Paracatu (MG), que vai se juntar ao São Francisco. Os seis núcleos rurais banhados pelo Rio Preto e seus afluentes representam 84,3% da área cultivada do DF e 65% de toda a produção.



Pípiripau

Dos núcleos rurais da bacia do Rio Preto é o que tem a menor área cultivada (a 6ª do DF) e produção. Os 4,098 mil hectares correspondem a 4,26% da área de agricultura no DF e, em 2002, a produção representou 3% do total do DF.

Taquara

É a quarta maior área cultivada (13,6%) e a terceira maior produção (11,6%).

Rio Preto

É o núcleo rural com a maior área cultivada do DF (25,7%) e a maior produção, 105,1 mil toneladas, ou 20% da safra de 2002.

Tabatinga

É a quinta maior área cultivada, 9,8% do DF, mas perde para Brazlândia em produção. Em 2002, produziu 7,8%. Brazlândia colheu 9,4% do total produzido no DF.

PAD-DF

Concentra 17% da área de agricultura no DF e ficou em segundo lugar no ranking de produção (11,9% do total).

Jardim

A área cultivada é a terceira maior do DF, corresponde a 14% da terra de agricultura. A produção em 2002 foi de 56,7 mil toneladas, 10,8% do total.

Cobrança de água

A água consumida nas lavouras é uma preocupação. Há recomendação do plano diretor da Bacia do Rio Paracatu (MG) para que a Secretaria de Meio Ambiente e

Recursos Hídricos (Semarh) não autorize mais pivôs na Bacia do Rio Preto. A redução do volume de água do rio pode prejudicar a geração de energia da Usina de Queimados (MG), em fase final

de construção. "O Rio Preto é de domínio federal e o uso da água precisa ser disciplinado. Existem leis para isso", comenta Luiz Carlos Buriti, diretor de Gestão de Recursos Hídricos da Semarh.

Um dos meios para poupar os rios é cobrar pela água desviada para irrigação. Mas nem todos os agricultores aprovam a ideia. Atílio Cappellesso é um deles. "Nós pegamos água do rio e vamos ter que pagar? Não compensa. O lucro vai embora. É melhor plantar então só na época da chuva", protesta o gaúcho. Embora a legislação (Lei das Águas, nº 2725/2001) permita ao governo cobrar pelo uso, Luiz Buriti adianta que não há previsão de início da taxa.

"O problema é a falta de chuva. Os rios eram bem mais cheios quando eu cheguei", acredita Severino Manzoli, 68 anos. Fala mansa, costas curvadas dos anos de lida na roça, o agricultor chegou à região do Rio Preto há 21 anos. Veio do interior do Espírito Santo, família pobre, oito irmãos. Desde os seis anos, ele escalava os morros para arrancar feijão. "Era difícil, ficava cansado, mas minha mãe dizia que se a gente ficasse em casa virava preguiçoso", lembra.

Na década de 80, ele resolveu arriscar a vida no DF. Arrendou da antiga Fundação Zoobotânica 50 hectares de terra na região de Planaltina. A produção inicial era de frutas mas foi se diversificando para acompanhar os preços do mercado. A vida melhorou e ele criou os seis filhos com a fartura da roça. "Agradeço a Deus por isso aqui, fico emocionado de ver tudo verdinho e a família unida", diz.